

Alta do débito é parcial

O principal argumento do Banco Central para afirmar que o crescimento da dívida do governo não preocupa é a mudança na sua composição. Segundo o estudo do BC, apenas a dívida mobiliária (em títulos) estaria aumentando, com queda da dívida externa líquida — pelo aumento das reservas em moeda forte — e dos estoques de cruzados retidos, que estão sendo liberados. A avaliação é que a dívida total, interna e externa, chegará a 37,87% do PIB no final do ano, praticamente igual ao nível de dezembro de 1991.

As contas do BC indicam que a dívida mobiliária cresceu de Cr\$ 17,77 trilhões para Cr\$ 46,6 trilhões (162%) de setembro a março, mas a dívida total aumentou só 0,8% no período. Essa diferença seria resultado da redução da dívida externa líquida (deduzidas as reservas) de Cr\$ 113,93 trilhões em setembro para Cr\$ 97,21 trilhões em março, e da diminuição da dívida em cruzados, que caiu de Cr\$ 26,57 trilhões para Cr\$ 12,87 trilhões nesses sete meses.

“O crescimento recente da divi-

da pública mobiliária federal tem sido mal compreendido pela sociedade. Parte da confusão decorre da associação imediatista e espúria do crescimento de um segmento específico da dívida com a possibilidade de grave desequilíbrio fiscal. Na realidade, esse crescimento é resultante de um processo de substituição de dívidas do governo federal”, afirma o documento do BC. O texto diz também que o aumento da dívida mobiliária no período “é magnificado” porque as contas são feitas a partir de um estoque reduzido. No entanto, esse estoque menor de dívida é o resultado do sequestro dos cruzados novos impostos pelo Plano Collor I, e a retomada das taxas de juros altos já invalidou boa parte do sacrifício da população que teve suas contas bloqueadas.

A previsão do BC é que, mesmo se todos os cruzados fossem liberados agora e de uma só vez, a dívida mobiliária passaria para Cr\$ 77,2 trilhões, equivalente a 74% do que era em fevereiro de 1990, antes do congelamento.